

METAFÍSICA E LIBERDADE NO PENSAMENTO DE H.C. DE LIMA VAZ

METAPHYSICS AND FREEDOM IN THOUGHT H.C. DE LIMA VAZ

Cláudia Maria Rocha de Oliveira *

RESUMO

Ao propor pensar o ser, Henrique Cláudio Lima Vaz defende que ele não pode ser alcançado apenas através do exercício abstrativo de nossa inteligência. A representação, embora seja mediação fundamental para que possamos alcançar o ser na sua inteligibilidade, ela não pode ser afirmada como fim último do conhecimento. O conhecimento do ser supõe também necessariamente o empenho da vontade e uma adesão existencial ao ser em ato que se revela e se doa à inteligência. Isso significa que a experiência metafísica - entendida como experiência do caminho e como experiência do fundamento – supõe necessariamente o engajamento do sujeito na sua totalidade, ou seja, constitui-se como experiência indissociavelmente racional e livre. Neste artigo, procuraremos mostrar de que modo Lima Vaz propõe pensar a articulação que se dá na experiência metafísica entre razão e liberdade. Para tanto, faz-se necessário esclarecer o que ele compreende por experiência metafísica. Ora, para ele a experiência metafísica constitui-se como experiência do caminho e como experiência do fundamento. A experiência do caminho tem origem a partir da experiência mais elementar que fazemos de nossa própria subjetividade. Ao colocar a pergunta pelo ser, a pessoa se descobre como sujeito, ou seja, como alguém que é em ato. Ao questionar-se a respeito da própria subjetividade, no entanto, a pessoa se descobre como aberta ao horizonte do Ser. A experiência do caminho conduz, portanto, à experiência do fundamento. Ora, em ambos os momentos da experiência metafísica tanto a razão quanto a vontade exercem papel fundamental. Isso significa, para Lima Vaz, que Metafísica e Liberdade não se excluem. Ao contrário! Metafísica e Liberdade se exigem mutuamente.

PALAVRAS-CHAVE: metafísica; liberdade; experiência; caminho; fundamento

ABSTRACT

In proposing think the being, Henrique Cláudio de Lima Vaz argues that the being can be achieved only through the abstractive exercise of our intelligence. The representation, although it is a fundamental mediation to us find the being

* Professora Doutora de Filosofia da FAJE; e-mail: claudiamroliveira@gmail.com

in its intelligibility, it cannot be affirmed as the final goal of knowledge. The knowledge of the being supposes necessarily the commitment of will and an existential adherence to the being in an act that reveals and gives himself to intelligence. This means, that the metaphysical experience - understood as experience of the path and as experience of the foundation - supposes necessarily the engagement of the subject in his totality, i.e., constitutes itself as rational and free experience. In this paper, we will show how Lima Vaz propose to think the articulation that occurs in the metaphysical experience between reason and freedom. For that, it is necessary to elucidate what Lima Vaz understand as metaphysical experience. For him, the metaphysical experience constitutes as the experience of the path and as experience of the foundation. The experience of the path has its origin from the most elementary experience that we do as a subject, i.e., as someone who is in act. To question himself about his own subjectivity, the person finds itself as open to the horizon of the Being. In both of the moments of the metaphysical experience reason and will takes a fundamental role. This means, for Lima Vaz, that Metaphysics and Freedom do not excludes itself. On the contrary! Metaphysics and Freedom mutually requires each other.

KEYWORD: Metaphysics; Freedom; Experience; Path; Foundation

1. INTRODUÇÃO

É possível e ainda faz sentido falar em metafísica? Seria a metafísica mero discurso ultrapassado e abstrato que não diz nada sobre o real? Ora, a modernidade confere primazia a um modelo de racionalidade empírico-formal. Ao apoiar-se nele, a metafísica deixou de ser uma ciência interrogativa e fundamentalmente aporética e passou a estruturar-se como sistema dedutivo. O ser não é mais pensado analogicamente. A partir da razão unívoca, no entanto, não é possível afirmar de modo adequado a distinção ontológica entre os entes e o ser. Além disso, a representação assume o lugar de termo do conhecimento. Se para o realismo clássico, a representação constitui-se como mediação para se conhecer a realidade, agora a própria representação passa a ser afirmada como o fim ao qual tende a atividade interrogante de nossa inteligência. Ora, a primazia da representação conduziu ao esquecimento da subjetividade. Em nome de uma razão matemática capaz de submeter toda à realidade aos seus critérios de exatidão, o sujeito é lançado a segundo plano. Ao acentuar

a dimensão racional do indivíduo humano, a modernidade acabou por estabelecer uma espécie de cisão entre a razão e a vontade humanas.

Por outro lado, em contraposição aos excessos da razão moderna, a contemporaneidade assistiu e ainda assiste a várias ondas de irracionalismo. Ao pretender libertar a vontade dos desmandos de uma razão autoritária, muitos existencialistas, por exemplo, afirmam a primazia absoluta da vontade. As determinações conceituais, ou ainda, as representações do ser não têm para eles o mesmo privilégio que possuía para os defensores do primado da representação. Trata-se agora de afirmar a primazia absoluta do existir singular, irreduzível à dimensão essencial.

Neste artigo, procuraremos mostrar de que modo o filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz, ao se posicionar diante desse cenário polarizado entre intelectualismo e voluntarismo, pretende articular os dois polos numa unidade dialética. Para Lima Vaz, como veremos, a metafísica é indissociavelmente um exercício epistemológico e ético. Em consequência, a metafísica não pode ser pensada senão em íntima relação com a ética. Constitui-se, pois, como metafísica da Liberdade. Lima Vaz defende, portanto, que não apenas não existe ética sem fundamentação metafísica, mas também a metafísica não pode prescindir da afirmação do ato de ser como liberdade. Para alcançar o objetivo proposto, mostraremos, em primeiro lugar, o que Lima Vaz entende por experiência metafísica. Em seguida, explicitaremos de que modo tal experiência se constitui ao mesmo tempo como experiência racional e livre.

2. A EXPERIÊNCIA METAFÍSICA

Para Lima Vaz, a experiência metafísica deve ser pensada ao mesmo tempo como experiência do caminho (*métodos*) e como experiência do fundamento. Mas, o que entendemos aqui por experiência? O que Lima Vaz compreende por metafísica?

De acordo com a etimologia, a palavra *experiência* vem do grego *empeiria* e do latim *experientia*. Em ambos os casos, trata-se de um “tentar”, “comprovar”, “assegurar-se”, ou ainda, “percorrer o objeto em todos os sentidos”. Sendo assim, “a experiência não é senão a face do pensamento que se volta para a *presença* do objeto”. Ela é “a penetração e

como a transfixão do objeto”. Pensada desse modo, a experiência não diz respeito a algo meramente subjetivo ou emocional. Ao contrário. Ela se articula entre os pólos do objeto e do sujeito, ou seja, ela “retorna sobre o objeto para penetrá-lo e igualmente penetrar-se da sua presença” (LIMA VAZ, 1974, pp.76-77).

Compreendida como co-penetração de presenças, seja da presença do objeto à consciência, seja da consciência a si mesma, a experiência, por outro lado, também não pode ser entendida como mera atividade formal da inteligência. Ela tem lugar a partir de um exercício *existencial* no qual se encontra engajada a totalidade da pessoa humana. Sendo assim, é necessário reconhecer que a experiência metafísica “não é um inocente prazer da inteligência: é o mais grave e sério empenho da vida” (LIMA VAZ, 1993, p.193). Em consequência, a metafísica continua sendo exigência atual e urgente.

Ora, ao empenhar-se na experiência metafísica, Lima Vaz estabeleceu distinção entre a experiência do caminho (*methodos*) e a experiência do fundamento. A metafísica é entendida, por ele, como busca de explicitação da intrínseca estrutura inteligível do múltiplo que se orienta ao uno e, ao mesmo tempo, como discurso sobre o fundamento, condição de possibilidade do múltiplo. A experiência metafísica integra e articula ontologia e metafísica. Ela é, em primeiro lugar, uma “experiência do ‘méthodos’, do *caminho* que deve levar à fundamentação absoluta” (LIMA VAZ, 1978, p.509). Em segundo lugar, à medida que a busca não pode ser indefinida, mas deve conduzir ao fundamento, ela se apresenta como experiência do Absoluto. Vejamos, então, de que modo Lima Vaz explicita ambos os momentos da experiência metafísica e de que modo em cada um deles pode ser pensada a relação entre razão e vontade.

3. A EXPERIÊNCIA DO CAMINHO (MÉTHODOS)

Ora, para a filosofia clássica, *méthodos* era compreendido como um “roteiro de inquirição ou busca (*zétesis*) a orientar a atividade intelectual com vistas à solução de uma dificuldade (*aporia*) que se apresentava na reflexão ou, mais geralmente, no diálogo” (LIMA VAZ, 2002a, p.10). Para Platão, por exemplo, como mostra Lima Vaz, “o caminho que se abre aos interrogantes é então justamente o caminho dialógico, os interrogantes

tornam-se itinerantes de um *métodos* (caminho direito) que finalmente os conduzirá à visão das Ideias e dos Princípios do ser” (LIMA VAZ, 1993, p.187).

Na medida em que o caminho dialógico torna possível a ordenação do múltiplo ao Uno, a dialética é compreendida como ontologia. A experiência metafísica do caminho é, portanto, aquela que parte de uma experiência múltipla e aporética e através do exercício do *logos* torna possível a superação das oposições e a afirmação da inteligibilidade do real. Ela, portanto, não é a experiência de um caminho pré-determinado, mas traduz a própria lógica intrínseca do conteúdo à medida que ele se revela inteligível.

Ora, ao buscar inspiração na ideia clássica de método, Lima Vaz explicita a experiência metafísica, em primeiro lugar, como experiência ontológica. Ela parte de uma situação *problemática* e num progressivo avançar ascendente do *logos* dialógico, caminha na direção do uno que confere inteligibilidade aos vários momentos do caminho. Contudo, para Lima Vaz, o uno alcançado ao termo do movimento dialético não é uma mera Ideia. Ele não pode ser mera *forma* lógica. A representação não é o fim último do conhecimento. Como veremos depois, o uno absoluto é ato puro de existir: Inteligência e Liberdade Absolutas.

Antes, no entanto, precisamos esclarecer qual é o ponto de partida assumido por Lima Vaz na sua explicitação da experiência do caminho e quais são os passos que, de acordo com ele, conduzem à experiência do fundamento.

Ora, na modernidade a metafísica clássica do ser foi substituída pela antropologia. O sujeito passou a ser afirmado como “o princípio último da fundamentação do *ser*”. Ou melhor, a metafísica da subjetividade assumiu “os traços da antropologia como ciência primeira na estrutura do campo epistemológico da filosofia primeira” (LIMA VAZ, 1997, pp.350-351). Diante dessa situação, Lima Vaz parte justamente de uma interrogação a respeito do sujeito. Ele assume como ponto de partida da experiência do caminho a ontologia do ser humano. Contudo, ele não pretende simplesmente aderir à novidade moderna. Mas, antes de tudo, o que ele quer é mostrar que o sujeito transcendental não suporta o peso ontológico de ser o critério último do sentido e da orientação da vida humana. A experiência que o sujeito faz da sua própria subjetividade o leva a reconhecer a sua abertura a uma dimensão transcendente, fundamento último da sua própria experiência.

Ao partir da interrogação a respeito do seu próprio ser – quem sou eu? –, o sujeito faz a experiência de si mesmo como *ser-em-si* e *ser-para*, ou seja, como ser de estruturas e ser de relações. Como ser de estrutura ele se descobre como corpo, psiquismo e espírito. Como ser de relações, ele se afirma como ser-no-mundo, ser-com-os-outros, ser-para-a-transcendência.

Enquanto ser *em-si*, o homem faz a experiência de seu ser-corpo. O corpo-próprio constitutivo da essência do homem apresenta-se como “o *lugar* fundamental do espaço propriamente humano, e o *evento* fundamental do tempo propriamente humano” (LIMA VAZ, 1991, p.159). Contudo, a experiência do corpo-próprio é negada pela experiência também fundamental do psiquismo. Ele se apresenta “como domínio de uma presença *mediata* do homem no mundo e como primeiro momento da presença do homem a si mesmo” (LIMA VAZ, 1991, p.176). O homem se afirma pois, como um ser marcado pela tensão entre mundo exterior, constituído pela corporeidade, e mundo interior ou psíquico.

No entanto, essa oposição entre a exterioridade do corpo e a interioridade do psiquismo deve ser suprasumida “na ‘identidade na diferença’ *interior*-*exterior* que irá caracterizar o *noético* ou espiritual” (LIMA VAZ, 1991, p.178). Categoria estrutural mais elevada do homem, o espírito apenas pode ser pensado em correlação com a categoria de *ser*. Ultrapassa-se, assim, os limites da antropologia. A inteligência e a vontade constitutivas da dimensão espiritual são marcadas por um excesso ontológico. Ao experimentar-se como ser de razão, o homem se descobre como abertura ilimitada ao horizonte da Verdade. Ao reconhecer-se como ser de vontade, ele se percebe como abertura ilimitada ao horizonte do Bem. O excesso ontológico constitutivo do homem o coloca em relação com uma realidade que ele não é: o Absoluto.

Contudo, pensado como um ser fechado em si mesmo, o homem constitui-se apenas como unidade *formal*. Aquilo que o homem é *em-si* recebe conteúdo na medida em que ele se abre ao mundo, ao outro e à transcendência. A dimensão estrutural que define o homem é necessariamente suprasumida pela dimensão relacional.

A relação de objetividade com o mundo é a primeira e a mais elementar relação estabelecida pelo homem. Somos seres-no-mundo. Estamos, pois, necessariamente envolvidos pelo horizonte do espaço e do tempo. Contudo, a relação do homem com o mundo é necessariamente significada pela linguagem. Ela aponta, pois, para a necessidade

de superar a relação não-recíproca entre o eu e o mundo. Não existe linguagem de um sujeito solitário. A linguagem é sempre expressão de uma cultura e de uma coletividade, isto é, pressupõe desde o início a dimensão intersubjetiva.

A linguagem aponta na direção da relação recíproca entre sujeitos. Essa relação é também fundamental para a constituição da identidade do homem. Afirmado como *ser-para-outro*, o homem, porém, conserva a sua identidade como ser *em-si*. É a partir do seu ser-em-si mais autêntico que ele se abre à experiência da presença do outro, isto é, ele afirma o *existir em comum* como constitutivo do seu próprio ser.

Contudo o encontro com o outro se desdobra no horizonte da história. A história não é capaz de saciar a superabundância ontológica do espírito. A abertura do homem à Verdade e ao Bem encontra na história apenas satisfação parcial e muito limitada. A infinitude da razão e da vontade humana não permite que o homem se feche na sua relação com o mundo e com o outro. Ela exige que ele ultrapasse os limites espaço-temporais e caminhe na direção do fundamento último do seu próprio ser. As relações com o mundo e com os outros devem ser então suprassumidas pela relação de transcendência.

A relação de *transcendência* exprime a superabundância ontológica característica do espírito humano. Ela aponta na direção da “*transgressão das fronteiras do mundo*” (LIMA VAZ, 1992b, p.449). Caracteriza-se por um caminhar na direção do fundamento, ou ainda, de modo mais fundamental, ela se constitui como “experiência de participação na absoluta universalidade do *ser*” (LIMA VAZ, 1992b, p.454).

Ao elevar-se à infinitude do ser, o homem reconhece a relação com o Absoluto como constitutiva do seu próprio ser. Mas, ao mesmo tempo, reconhece a sua finitude e incapacidade de tomar a iniciativa na relação. Isso significa que o *Absoluto* não pode ser afirmado pelo sujeito como fruto de mera exigência lógica, nem como o simples resultado de exercício de abstração. Enquanto condição de possibilidade e fundamento da experiência da infinitude da vontade e da infinitude da inteligência humanas, o Absoluto é quem se revela como horizonte último do excesso ontológico característico do espírito humano.

O homem se descobre, então, como *ser-para-o-Absoluto*. Contudo, ao mesmo tempo, ele se descobre como finito e, conseqüentemente, incapaz de ser o fundamento último de seu próprio ser. Para Lima Vaz, portanto, a antropologia, entendida como

ontologia do ser humano, não pode ser a última palavra. Ela nos abre a possibilidade e a necessidade de pensar o Absoluto.

O homem é, portanto, marcado na sua essência por uma tensão fundamental. Ele é um ser finito, mas ao mesmo tempo, aberto ao infinito. A abertura do homem ao infinito faz com que ele assuma a tarefa de construir a própria vida. Aquilo que ele é por essência, *ser-em-si* e *ser-de-relações*, deve realizar no existir concreto. A oposição entre *ipseidade* e *alteridade*, que caracteriza a sua essência, deve ser suprassumida através de um movimento existencial a partir do qual seja efetivamente possível a unificação do homem.

Logo, aquilo que o homem é por essência, ele deve realizar na existência concreta. Pensada como potência em relação ao ato de existir, a essência precisa ser atualizada na vida concreta de cada pessoa a fim de que ela se torne aquilo que por essência já é, ou seja, para que ela se realize humanamente. A ontologia do ser humano remete, pois, necessariamente, à ontologia do agir. O discurso sobre o ser do homem está, portanto, intrinsecamente articulado ao discurso sobre a liberdade.

O que caracteriza o existir humano entendido como ato que confere inteligibilidade à estrutura ontológica fundamental do ser humano? A essa interrogação Lima Vaz pretende dar uma resposta na sua ontologia do agir.

O ato moral é necessariamente um ato do sujeito, vivido no seio de uma comunidade e orientado pelo horizonte do Bem. Enquanto ato do sujeito, ele deve necessariamente ser orientado pela razão prática, ou seja, deve ter como princípios causais a razão e a vontade. Causa formal da ação, a razão indica os princípios que devem guiar o agir. Causa eficiente, a vontade inclina o sujeito na direção da adesão ao Bem. Contudo, pensado de modo isolado, o ato ético é uma abstração. Ele se realiza na continuidade de uma vida entendida como “processo de crescimento que tende a uma plenitude”(LIMA VAZ, 2000, p.144). Nesse processo, a contínua prática de ações virtuosas torna possível a aquisição do hábito virtuoso. Ora, no existir virtuoso, a *virtude* se constitui como “*posse* permanente do sujeito ético, operando, porém, de sorte a torná-lo sempre *outro* na *diferença* com que tende a realizar sempre melhor a *enteléquia* ou a perfeição da sua orientação para o Bem”(LIMA VAZ, 2000, pp.158-159).

Contudo, o agir ético não pode ser pensado apenas como agir do sujeito solitário. Ele constitui-se necessariamente no seio de uma comunidade. Somos constitutivamente ser-

com-os-outros. Nesse caso, a razão orienta o sujeito na direção do reconhecimento do outro e a vontade o inclina para o consenso intersubjetivo. O existir ético, portanto, caracteriza-se pela existir intersubjetivo, orientado pela razão e pela vontade. Tal existir pode ser pensado a partir da justiça, entendida como virtude comunitária por excelência ou como lei. A vida ética tem, então, como afirma Lima Vaz, “seu conteúdo inteligível no exercício concreto da *justiça* fundado no reconhecimento comum da *dignidade* inerente a cada membro da comunidade enquanto *ser humano*, ou seja, capaz de exprimir-se na unidade do seu *Eu sou* como *ser-para-o-bem*” (LIMA VAZ, 2000, p.205).

O existir ético, subjetivo e comunitário, é pensado a partir da sua teleologia ao horizonte do Bem. Causa final da ação e do existir éticos, o Bem se apresenta como Fim e como Valor. Ele se particulariza nas normas, leis e costumes de determinada cultura e se singulariza na história. Como mostra Maritain (MARITAIN, 1977, p.48), é apenas a ação orientada para o bem, que torna possível a suprema atualização do ser do homem, isto é, a sua realização como liberdade.

Ora, como vimos, ao pretender explicitar a experiência metafísica como experiência do caminho, Lima Vaz assume como ponto de partida do discurso a experiência que o sujeito faz da sua própria subjetividade. Ao fazer a experiência do próprio ser, o sujeito se descobre paradoxalmente como ser finito e ao mesmo tempo marcado pelo infinito. O excesso ontológico do espírito, na sua correlação com o *ser*, faz com que a razão humana se caracterize pela abertura ilimitada ao horizonte da Verdade e do Bem. Essa abertura impele o sujeito a buscar continuamente, no existir concreto, realizar através dos seus atos, aquilo que ele é por essência. A ontologia do ser humano pressupõe, portanto, necessariamente, uma ontologia do agir. O discurso sobre o *ser* do homem remete necessariamente à afirmação e ao exercício da liberdade.

Síntese dinâmica entre essência e existência, a pessoa possui um núcleo ontológico constitutivo. Contudo, a partir desse mesmo núcleo ela é permanentemente chamada a sair de si mesma, a colocar-se em movimento. Apenas através do ato de existir, ela se torna aquilo que ela é por essência. Ela se afirma como liberdade, ou melhor, ela se realiza como pessoa.

Ora, ao pensar a liberdade humana como realização da inclinação da vontade ao horizonte do Bem, intuímos o Bem como *telos* e horizonte último da ação finita. Isso

significa que a experiência metafísica como experiência do caminho que tem início na experiência que o homem faz de si mesmo conduz, tanto na ontologia do ser humano, quanto na ontologia do agir, à afirmação da experiência de um absoluto como fundamento da experiência finita.

A abertura ilimitada da inteligência conduz o homem ao reconhecimento da experiência *noética* da verdade como condição de possibilidade de todo conhecimento finito. A inclinação ilimitada da vontade conduz ao reconhecimento da experiência ética do Bem como condição de possibilidade do existir propriamente humano. O excesso ontológico que caracteriza o espírito humano aponta, portanto, na direção da afirmação do Absoluto como causa e fundamento da infinitude da razão e da vontade humanas.

A experiência do caminho como experiência do *métodos* deságua, portanto, na intuição de um fundamento absoluto, capaz de conferir sentido e norma últimos ao existir humano. Com outras palavras, ao caminhar num movimento contínuo de superação das oposições elementares com as quais o *logos* se confronta no início do seu itinerário, a experiência do caminho conduz à afirmação do Absoluto como fundamento ou condição de possibilidade da inteligibilidade intrínseca do real.

Mas, como então, pensar e afirmar o Absoluto? Na experiência metafísica como experiência do caminho, vimos que o discurso ontológico não exclui a liberdade. Ao contrário. A liberdade é constitutiva do ser finito. Os seres humanos não podem ser pensados senão como seres de razão e de vontade. E é, justamente, graças ao entrelaçamento de razão e de vontade que a pessoa humana pode se realizar no seu ser mais próprio. Mas, como vimos, a experiência metafísica como experiência do caminho conduz à experiência metafísica como experiência do fundamento. Como, então, se dá nesse caso a relação entre razão e liberdade? Também a experiência do fundamento pressupõe o entrelaçamento de razão e liberdade?

4. A EXPERIÊNCIA DO FUNDAMENTO

Ao trilhar o caminho ascendente da experiência metafísica, o itinerário que partiu da experiência que o sujeito faz da sua própria subjetividade nos mostrou que, para Lima Vaz, a antropologia não pode simplesmente tomar o lugar da metafísica clássica. A metafísica da subjetividade teve um curto desenvolvimento histórico. A pretensão de erigir o sujeito como *primum ontologicum* terminou por ceder lugar ao niilismo. Isso significa, para Lima Vaz, que o sujeito transcendental não foi capaz de suportar o peso ontológico de ser instância última de avaliação e julgamento. O sujeito transcendental não pode ser o fundamento último do existir humano e da realidade do mundo.

É necessário, então, resgatar a racionalidade analógica e pensar o Absoluto, não como um *ente* primeiro na hierarquia de entes, tal como o pensou a metafísica que se apoia no modelo onto-teológico. Mas, pensá-lo como *esse* absoluto, como fundamento e princípio último de todo conhecer, pensar e agir com sentido.

Como vimos, a experiência metafísica como experiência do caminho deve conduzir à experiência do fundamento. Mas, como isso acontece? Lima Vaz esclarece que compreendida como *nous* ou *intellectus*, “a ‘inteligência espiritual’ se exerce no domínio da intuição intelectual do ser, caracterizada por um movimento essencial de passagem do relativo ao Absoluto” (LIMA VAZ, 1994, p.398). Sendo assim, ao termo do itinerário da ontologia do ser e da ontologia do agir, a Verdade e o Bem são intuídos pela inteligência espiritual. Ao confrontar-se com a ilimitação ontológica do espírito e ao mesmo tempo com a própria finitude, a pessoa, graças à inteligência espiritual, intui o *esse* absoluto como condição de possibilidade da própria experiência finita. Trata-se, então, para Lima Vaz, de desenvolver e explicitar as implicações dessa intuição.

Em primeiro lugar, o absoluto é intuído como ato ou perfeição. Ato puro de existir, ele é afirmado como princípio de inteligibilidade da própria experiência do caminho que conduziu à sua afirmação. Isso significa que no ato puro de existir encontra-se “o princípio de toda inteligibilidade das coisas que *são* ou existem” (LIMA VAZ, 2002b, pp.95-96). Sendo assim, apenas na medida em que participa do ato puro de existir, o ser finito pode conferir sentido e orientação ao seu próprio existir no tempo. Com outras palavras, os entes

relativos e finitos “só são pensáveis a partir do *Esse* infinito e absoluto que permanece imutável na sua plenitude inteligível” (LIMA VAZ, 1994, p.398).

A questão que se apresenta à experiência do fundamento consiste na dificuldade de exprimir discursivamente a intuição originária do absoluto que, em si mesma, é simples. O discurso humano introduz sempre a pluralidade no ser. Platão, por exemplo, descobre o ser no juízo como pluralidade ordenada de ideias. O ser, para ele, pode ser afirmado a partir das ideias de ser, mesmo e outro. Mas, se o ser é simples não seria problemático afirmá-lo a partir de uma multiplicidade de conceitos? A questão que se coloca aqui, portanto, diz respeito à necessidade de procurar “encontrar a expressão adequada do *esse* no *logos* e, conseqüentemente, de exprimir de alguma forma o *Esse* absoluto no discurso” (LIMA VAZ, 2002b, p.105).

Nesse sentido, Lima Vaz esclarece que “a intuição primordial do *esse* implica necessariamente sua *identidade objetiva* com o ato de pensar e a posição da *unidade* absoluta que compete *objetivamente* a essa identidade”. Contudo, por outro lado, “o múltiplo *subjetivo* se introduz nessa unidade, pois o *ato* de pensar ou a *intuição* do *esse* é, originariamente, ato de um sujeito finito, e o *esse* manifesta-se primeiramente na multiplicidade dos seres finitos e relativos que surgem diante do sujeito na sua primeira iniciativa de *pensar*” (LIMA VAZ, 2002b, p.105)

Podemos dizer, portanto, que a inteligência humana apenas pode apreender o ser porque há entre eles uma identidade intencional. Há, pois, uma identidade intencional – não real – entre ser e pensar. Esta identidade torna possível que a inteligência se abra ao real e que o real se doe à inteligência. Ora, o *Esse Absoluto* é radicalmente inteligível. Porém, a inteligência humana é limitada e, portanto, não é capaz de acolher toda a verdade do ser. Entretanto, inteligência e inteligível são noções correlativas. Em conseqüência, “a afirmação de uma inteligibilidade radical do *ser* implica a afirmação de uma Inteligência absoluta como fonte primeira da inteligibilidade, da qual participa o próprio sujeito afirmante enquanto sujeito finito” (LIMA VAZ, 2002b, p.105). Sendo assim, o absoluto intuído pela inteligência espiritual pode ser afirmado como *Inteligência Absoluta*.

Inteligência Absoluta, o absoluto inteligível pode ainda ser descrito a partir das noções transcendentais: *ser*, *uno*, *verdadeiro*, *bom*. Maritain esclarece que o “*uno* é o próprio ser enquanto indiviso”; o *verdadeiro*, por sua vez, “é o ser enquanto se oferece à

intelecção”; já o *bem* “é o ser enquanto se oferece ao amor, ao querer” (MARITAIN, 1977, pp.43-44). Ora, essas noções transcendentais são convertíveis entre si e permitem pensar o ser na identidade na diferença consigo mesmo. Idêntico a si mesmo, ele pode ser dito analogicamente de vários modos. Nenhum desses modos se exclui, mas todos estão intimamente implicados entre si. Isso significa que embora estas noções não sejam sinônimas, não há distinção real entre os objetos aos quais elas são atribuídas, mas apenas “uma distinção de razão fundada na realidade” (MARITAIN, 1977, p.45).

Contudo, para Lima Vaz, o esforço da inteligência para explicitar discursivamente a intuição originária do Absoluto alcança apenas a *forma* da coisa conhecida. Isso porque “o caminho do pensamento não pode passar além da absoluta necessidade e universalidade do *esse*” (LIMA VAZ, 2002b, p.115). A “coisa mesma” intuída pela inteligência espiritual apenas pode ser alcança em si mesma pela inclinação da vontade, mediada pela forma inteligível.

O empenho da vontade na busca e na explicitação do fundamento conduz à atribuição da liberdade ao *Esse* absoluto. O absoluto *formal* alcançado pela inteligência cede, então, lugar ao absoluto *real* ou *existencial*. Isso significa que “da necessidade *essencial* flui a liberdade como essência da capacidade ativa (*dýnamis*) ou vontade dos seres inteligentes, que são, portanto, *livres* por definição”. Em consequência, “é a partir da necessidade da *essência* que podemos entender o *Esse* absoluto (*Ipsum Esse subsistens*), no qual essência e existência se identificam como *identidade na diferença* entre *Necessidade* absoluta e absoluta *Liberdade*”. Ele existe, portanto, “como absoluta autoposição de si mesmo (*a se*, necessidade) e absoluta autodeterminação (*ad se*, liberdade)” (LIMA VAZ, 2002b, p.118). A Liberdade absoluta é, então, definida por Lima Vaz como “ordenação reflexiva ao Bem absoluto, ou infinita complacência do *Esse subsistens* na sua própria essência enquanto Fim para si mesmo” (LIMA VAZ, 2002b, p.124).

Portanto, a experiência metafísica como experiência do fundamento também não exclui a liberdade. Ao contrário. O absoluto existencial, fundamento último de nosso ser finito desvela-se diante da inteligência como Inteligência absoluta e diante da inclinação de nossa vontade como Liberdade absoluta. Enquanto tal, ele se constitui, pois, como fundamento último de nosso ser racional e livre.

5. METAFÍSICA E LIBERDADE: EXIGÊNCIA, NÃO EXCLUSÃO

Vimos até aqui que, para Lima Vaz, a experiência metafísica deve ser compreendida ao mesmo tempo como experiência do caminho e como experiência do fundamento. A experiência do caminho assume como ponto de partida a experiência que o homem faz de si. Nessa experiência ele se descobre necessariamente como racional e livre aberto ao horizonte universal do ser.

Ora, ao buscar inspiração na metafísica tomasiana, Lima Vaz afirma a prioridade ontológica do ato de existir. Para ele, “a inteligibilidade originária da *essência* só se atua pelo ato de *existir* como fonte radical de toda inteligibilidade” (LIMA VAZ, 2002b, p.72). Isso significa, entre outras coisas, que a representação não esgota a totalidade do ser. O ser pode ser buscado pela inteligência. Porém, os conceitos da inteligência são formais e universalizantes. O ser na sua unidade e singularidade apenas pode ser apreendido efetivamente se há também, para além do esforço abstrativo da inteligência, um engajamento e uma adesão da vontade ao ser no seu próprio ato de existir. Portanto, ao contrário do paradigma platônico da *Ideia* como Forma (*eidos*) que postula “uma equação entre o *noético* e o *eidético*, de tal sorte que a inteligibilidade do *ser* - dos seres – permanece circunscrita ao contorno ou à definição da sua *essência*”, seguindo Tomás de Aquino, Lima Vaz afirma “a inteligibilidade absoluta do *esse* como *ato*” (LIMA VAZ, 2002b, p.97).

A afirmação da prioridade ontológica do existir conduz a afirmação do ser na sua atualidade. Contudo, o homem constitui-se como diferença na identidade entre *essência* e *existir*. A sua realização depende da efetivação concreta daquilo que ele é. Isso significa que o homem se realiza humanamente apenas na medida em que sai de si mesmo e, nesse movimento existe efetivamente como atualidade. Ora, o existir em ato é um exercício da liberdade. Portanto, ao meditar a respeito do ato de ser, a metafísica se vê, necessariamente, confrontada com a questão da liberdade. Na experiência metafísica como experiência do caminho não há, pois, exclusão entre razão e liberdade. A ontologia do ser humano conduz necessária à ontologia do agir, ou seja, à afirmação do homem como ser livre.

Mas, como vimos, a experiência metafísica como experiência do caminho conduz à experiência do fundamento. Para Lima Vaz, a experiência que o homem faz de seu próprio ser racional e livre o lança na direção do ato puro de existir condição de possibilidade da experiência finita. Portanto, a antropologia entendida como ontologia do ser e assumida como ponto de partida da experiência metafísica como experiência do caminho não é a última palavra sobre o ser. Ao afirmar-se como ser-para-a-Verdade e ser-para-o-Bem, a pessoa intui no interior da sua própria inteligência o *esse* absoluto. Alcançado como Absoluto *formal* pela inteligência, o *esse* absoluto se oferece à inclinação de nossa vontade como Absoluto *real* ou *existencial*. Ele é Inteligência e Liberdade absolutas. Também aqui, no plano da experiência metafísica como experiência do fundamento, não existe exclusão entre Razão e Liberdade.

Podemos concluir, então, que para Lima Vaz, a experiência metafísica, seja pensada como experiência do caminho, seja afirmada como experiência do fundamento, supõe necessariamente um sério empenho da razão e da vontade. Não há, portanto, exclusão entre Razão e Liberdade, mas intrínseca relação. Elas se exigem mutuamente. Esta exigência não é, no entanto, meramente lógica, mas fundamentalmente ontológica e existencial. O ser humano, ao colocar a pergunta pelo ser, é constitutivamente racional e livre. Justamente enquanto tal, ele se torna capaz de afirmar a sua unidade radical como pessoa e de abrir-se ao horizonte do ser.

REFERÊNCIAS

DE FINANCE, Joseph. **Être et agir dans La philosophie de Saint Thomas**. Roma: Presses de l'Université Grégorienne, 1960.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. A experiência de Deus. In: LIMA VAZ, Henrique Cláudio de (et. al.). **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974, cap.5, pp.74-89.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Sugestão de um programa para um curso de Metafísica. **Revista Atualização**, Belo Horizonte, n. 107/108, pp.503-525, nov-dez. 1978.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992a.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Transcendência: experiência histórica e interpretação filosófico-teológica. **Revista Síntese**. Belo Horizonte, v.19 n.59, pp.443-460, out-dez. 1992b.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Platão revisitado. Ética e Metafísica nas origens platônicas. **Revista Síntese**. Belo Horizonte, v.20 n.61, pp.181-197, abr-jun. 1993.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Metafísica: história e problema. **Revista Síntese**. Belo Horizonte, v.21 n.66, pp.395-406, jul-set. 1994.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Filosofia e Cultura**. São Paulo: Loyola, 1997.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Introdução à Ética Filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Introdução à Ética Filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Método e dialética. In: BRITO, E.F.; CHANG, L.H. (org.) **Filosofia e método**. São Paulo: Loyola, 2002a, cap.1, pp.9-17.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Raízes da Modernidade**. São Paulo: Loyola, 2002b.

MARITAIN, Jacques. **Problemas fundamentais da Filosofia Moral**. Tradução Gerardo Dantas Barretto. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

TOMÁS DE AQUINO. As potências intelectivas. In: TOMÁS DE AQUINO, **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2002, v.2, parte I, questão 79, pp.434-463.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de Oliveira. **Metafísica e Ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2013.